

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Maria Felipa

Gerado em: 23/07/2026, 21:11:52 | Versão pipeline: 1

Com base no documento de pesquisa fornecido, segue o documento educacional sobre Maria Felipa de Oliveira, pronto para download.

****BLOCO 1 — Quem foi Maria Felipa de Oliveira****

Maria Felipa de Oliveira é uma das heroínas da Independência do Brasil na Bahia. Marisqueira, pescadora, trabalhadora e, segundo a memória de seu povo, líder de uma resistência popular que enfrentou as tropas portuguesas na Ilha de Itaparica. Sua história, no entanto, não está registrada em letras de forma nos documentos oficiais da época. Ela sobrevive na tradição oral, passada de geração em geração por aqueles que a história oficial escolheu ignorar: o povo negro e pobre do Recôncavo Baiano. A ausência de seu nome em atas militares e registros civis não é um acaso; é o resultado de um projeto de nação que, ao mesmo tempo em que precisava do corpo e da luta de pessoas como Maria Felipa para se tornar independente de Portugal, negava a elas o direito à memória e ao protagonismo.

Ser uma mulher negra na Bahia do início do século XIX era existir em um estado de vulnerabilidade e opressão sistemática. Em uma sociedade estruturada pela escravidão, o corpo negro era visto como propriedade, ferramenta ou ameaça. Para as elites que temiam uma rebelião como a do Haiti, qualquer sinal de liderança e organização vindo da população negra era motivo de pânico e repressão violenta. Nesse contexto, os feitos atribuídos a Maria Felipa — organizar mulheres, vigiar tropas inimigas, liderar ataques de guerrilha — representam uma ruptura radical. Ela não foi uma vítima passiva das circunstâncias, nem uma coadjuvante silenciosa. As narrativas a colocam como sujeito de sua própria história e da história do Brasil, uma estrategista que usou seu conhecimento do território e sua força coletiva para lutar por uma liberdade que ia muito além da independência política das elites.

A história de Maria Felipa nos obriga a confrontar a natureza da própria História. Se os documentos oficiais são a principal fonte de verdade, o que fazemos com os heróis e heroínas cujas vidas foram sistematicamente apagadas desses registros? A memória de uma comunidade, transmitida oralmente, pode ser considerada uma fonte histórica tão legítima quanto um papel assinado por um general? Ao resgatar a figura de Maria Felipa, não estamos apenas adicionando um nome a uma lista, mas questionando quem tem o poder de escrever a história e decidir quem merece ser lembrado.

Que tipo de história perdemos quando só acreditamos nos documentos oficiais, escritos por aqueles que estavam no poder?

****BLOCO 2 — Contexto histórico****

Maria Felipa viveu e lutou durante a Guerra de Independência na Bahia (1822-1823). Este não foi um evento pacífico ou meramente simbólico. Após a proclamação de D. Pedro I, as tropas portuguesas em Salvador se recusaram a aderir à independência, dando início a um conflito armado que mobilizou toda a província. A Bahia, com seu porto estratégico e economia açucareira, era vital para o império português, e a resistência lusa foi feroz. A guerra no Recôncavo e em Salvador foi marcada por intensa participação popular, com homens e mulheres, pessoas escravizadas e libertas, pegando em armas ou atuando na logística, espionagem e abastecimento das tropas brasileiras.

Esse cenário de mobilização popular era visto com pavor pelas elites escravocratas. A memória da Revolta dos Búzios (1798), um movimento popular e negro que defendia o fim da escravidão e a igualdade racial, ainda estava viva. O medo de que a guerra de independência se transformasse em uma revolução social, inspirada pelo Haiti, levou a um controle rígido e a uma posterior invisibilização da participação negra. Para a população negra, lutar pela "independência" significava arriscar a vida por um projeto que não lhes garantia liberdade nem cidadania. O Brasil se tornou independente em

1822, mas a escravidão, a violência racial e a exclusão sistemática continuaram sendo a base da sociedade. A Ilha de Itaparica, onde Maria Felipa teria atuado, era um ponto estratégico fundamental, e sua defesa, crucial para a vitória final em 2 de julho de 1823.

****BLOCO 3 — Contribuições em detalhe****

As contribuições de Maria Felipa de Oliveira são conhecidas principalmente pela tradição oral, uma forma de conhecimento histórico que resistiu ao apagamento dos registros oficiais. Cada um de seus feitos deve ser entendido dentro de um sistema que tornava sua própria existência como líder algo improvável e revolucionário.

Liderança na defesa da Ilha de Itaparica

Segundo as narrativas, durante os ataques portugueses entre 1822 e 1823, Maria Felipa emergiu como uma líder comunitária. Ela teria organizado um grupo de mais de 40 mulheres (algumas fontes falam em até 200 pessoas, incluindo indígenas) para defender a ilha. Em uma sociedade patriarcal e racista, onde uma mulher negra era legal e socialmente subalterna, o ato de assumir a liderança de um grupo de defesa é, em si, uma contribuição monumental. Ela e seu grupo, conhecido como "vedetas", vigiavam as praias e matas, criando um serviço de inteligência popular que informava sobre os movimentos das tropas portuguesas, frustrando saques e ataques surpresa.

Táticas de guerrilha e o ataque com cansaço

A memória popular guarda um episódio emblemático da criatividade e coragem de Maria Felipa. Ela e seu grupo de marisqueiras teriam atraído soldados portugueses a um local isolado, onde, em vez de se submeterem, os atacaram com peixeiras e, principalmente, com galhos de cansaço, uma planta urticante que causa dor e queimaduras intensas. Este feito, mais do que uma anedota, revela uma tática de guerrilha. Sem acesso a armas de fogo, elas usaram o conhecimento do seu ambiente e a astúcia para resistir a um exército formal. Foi a luta do oprimido com as ferramentas que tinha à mão — o corpo, o território e a coragem coletiva.

Incêndio de navios portugueses

O feito mais celebrado de Maria Felipa é o suposto incêndio de dezenas de embarcações portuguesas ancoradas na costa de Itaparica. A tradição conta que, em uma ação noturna, ela e seu grupo de mulheres usaram seus conhecimentos de navegação em pequenas canoas para se aproximar silenciosamente e atear fogo à frota inimiga, causando um prejuízo material e moral gigantesco. Embora não haja, até hoje, comprovação documental ou arqueológica deste evento, sua força no imaginário popular é imensa. A narrativa transforma as marisqueiras em guerreiras navais, subvertendo a imagem da mulher negra como passiva e reafirmando seu protagonismo na guerra. O fato de a história oficial não registrar tal evento pode significar tanto que ele não ocorreu como que foi um ato de insubordinação tão grande que precisou ser deliberadamente apagado.

Símbolo da resistência negra e feminina

Talvez a maior contribuição de Maria Felipa, que ecoa até hoje, seja sua transformação em um poderoso símbolo. Sua história, resgatada e celebrada nos séculos XX e XXI, personifica a participação popular, negra e feminina na construção do Brasil. Ela representa todos os nomes que foram apagados, todas as lutas que não foram registradas. Ao dar rosto e nome a essa resistência, a memória de Maria Felipa desafia a narrativa oficial da Independência como um feito de príncipes e generais brancos, e nos força a reconhecer que a nação brasileira foi forjada também nas praias de Itaparica, por mulheres negras que se recusaram a ser invisíveis.

****BLOCO 4 — Por que isso importa hoje****

A história de Maria Felipa de Oliveira é uma ferramenta fundamental para entender o Brasil contemporâneo. Ela nos conecta diretamente a debates urgentes sobre racismo, memória e reparação histórica. Em um país que ainda discute quem merece estátuas e feriados, a figura de Maria Felipa questiona o panteão de heróis nacionais, majoritariamente branco e masculino. Sua história, baseada na tradição oral, nos força a valorizar outras formas de conhecimento para além do documento escrito, reconhecendo como comunidades negras e indígenas preservaram suas histórias à margem do poder.

O legado de Maria Felipa está vivo nos movimentos de mulheres negras que lutam por visibilidade e poder político, nos historiadores que disputam uma narrativa mais inclusiva do Brasil e nos educadores que buscam em sala de aula reparar o apagamento histórico. Estudar Maria Felipa não é

apenas olhar para o passado; é entender que a luta por reconhecimento e cidadania plena, iniciada por ela e tantas outras, continua. Ela nos lembra que a verdadeira independência ainda está em construção e que ela só será completa quando as histórias de todas as Marias Felipas forem contadas e celebradas.

Aplicação pedagógica

- * Referência legal: A história de Maria Felipa é uma ferramenta poderosa para o cumprimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Sua trajetória permite trabalhar a participação negra em um evento central da história nacional, a Independência, superando a visão de que a população negra foi apenas passiva ou vítima.

- * Disciplinas:

- * História: Para discutir a Independência do Brasil para além do Sudeste, a participação popular e a natureza das fontes históricas (oral vs. escrita).

- * Sociologia: Para analisar conceitos de racismo estrutural, apagamento histórico, memória social e protagonismo de grupos subalternizados.

- * Filosofia: Para debater epistemologia, o valor da tradição oral como fonte de conhecimento e a construção da "verdade histórica".

- * Artes/Literatura: Para analisar como a figura de Maria Felipa é representada e reconstruída em diferentes linguagens, e o papel da narrativa na formação de identidades.

- * Faixa etária recomendada: 8º ano do Ensino Fundamental II em diante e Ensino Médio. A justificativa é que a discussão sobre a natureza das fontes, o apagamento histórico e a complexidade de uma figura cuja existência é baseada na memória oral exige um nível de abstração e pensamento crítico mais desenvolvido.

- * Sugestão de atividade: Propor um "júri simulado" em sala. Um grupo de alunos será a "defesa", argumentando pela inclusão de Maria Felipa no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria com base na força da tradição oral, na importância simbólica e nos indícios de seu apagamento. Outro grupo será a "acusação", representando uma visão historiográfica positivista que exige provas documentais primárias para validar os feitos. O restante da sala atua como júri. O objetivo não é determinar um "vencedor", mas debater ao final do exercício: que tipo de história construímos dependendo das fontes que escolhemos valorizar?

- * Pergunta geradora: Considerando que as elites que registraram a história da Independência temiam rebeliões negras, o silêncio sobre Maria Felipa nos documentos da época pode ser lido como uma prova de sua irrelevância ou, ao contrário, como um indício de que sua liderança era tão real e ameaçadora que precisava ser intencionalmente apagada?

****BLOCO 5 — Para ir mais fundo****

Esta lista reúne recursos verificados para quem deseja aprofundar seus conhecimentos sobre Maria Felipa de Oliveira e seu contexto histórico.

Artigos em acesso aberto:

- * História UFF – Projeto "Impressões Rebeldes". Maria Felipa de Oliveira. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/pessoa/maria-felipa-de-oliveira/> (Este verbete acadêmico é crucial por analisar criticamente a ausência de fontes primárias).

Reportagens e Portais Institucionais:

- * Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Maria Felipa de Oliveira: uma heroína da independência. Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/maria-felipa-de-oliveira-uma-heroína-da-independência>

- * Prefeitura de Salvador. Quem foi Maria Felipa? O protagonismo feminino, negro e popular na batalha pela Independência. Comunicação Salvador, 2022. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/quem-foi-maria-felipa-o-protagonismo-feminino-negro-e-popular-na-batalha-pela-independência/>

- * G1. Quem foi Maria Felipa, a escravizada liberta que combateu marinheiros portugueses e incendiou navios. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/06/quem-foi-maria-felipa-a-escravizada-liberta-que-combateu-marinheiros-portugueses-e-incendiou-navios.ghtml>

- * MultiRio. Maria Felipa de Oliveira, guerreira negra e heroína da Independência. Prefeitura do Rio

de Janeiro. Disponível em: <https://multi.rio/index.php/noticias/17798-maria-felipa-de-oliveira,-guerreira-negra-e-hero%C3%ADna-da-independ%C3%Aancia>

Vídeos:

* Tv Fábricas de Cultura. Contação de História – Maria Felipa – Bibliotech (FC Sapopemba). YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QnlzQ9mIK6w> (Exemplo de como a memória oral é transmitida em formato pedagógico).

****BLOCO 6 — Notas do pesquisador****

* Nível de confiança geral: MÉDIO. O nível de confiança é alto para o contexto da Guerra de Independência na Bahia e a participação popular negra. No entanto, é baixo para os dados biográficos específicos (datas, feitos) de Maria Felipa, cuja história se baseia quase inteiramente em tradição oral e reconstruções recentes, sem comprovação em fontes primárias da época.

* Lacunas documentais: Não foram encontrados registros civis, eclesiásticos ou militares do século XIX que confirmem a identidade, a atuação ou mesmo a existência de Maria Felipa. Sua data de nascimento é desconhecida, e a data de falecimento (1873) é recorrente, mas não comprovada por um documento. Os feitos mais famosos, como o incêndio de navios, carecem de evidências documentais ou arqueológicas.

* Natureza da escassez de fontes: APAGAMENTO HISTÓRICO. A ausência de registros formais sobre uma mulher negra, pobre e líder popular em um contexto escravista não é acidental. Corresponde a um padrão de exclusão de certos sujeitos dos arquivos oficiais. A força de sua memória na tradição oral, em contraste com o silêncio dos documentos, é a maior evidência desse apagamento.

* Controvérsias historiográficas: A principal controvérsia é a própria existência histórica de Maria Felipa como indivíduo. Enquanto a historiografia tradicional, baseada em documentos, questiona sua existência, abordagens que valorizam a tradição oral e a memória comunitária a reconhecem como uma figura histórica legítima, cujo apagamento dos arquivos é parte da história a ser contada.

* Observações para uso pedagógico: Ao usar este material, é fundamental que o professor não apresente Maria Felipa como uma figura de biografia tradicional e comprovada. A incerteza é o ponto pedagógico mais rico. Usar a dúvida sobre as fontes para discutir com os alunos como a história é construída, quem decide o que é "verdade" e por que as memórias de alguns grupos são preservadas e as de outros, apagadas, é a forma mais potente de trabalhar sua história em sala de aula.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta
com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: MÉDIO

Data de produção: 24 de maio de 2024

Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: contato@biografiapreta.com.br

Links: <https://biografiapreta.com.br>